

Correio
de Manhã
16/9/92
p.16

"Yes, eu quero a paz"

Laurenço Jossias*

Pergunta — A RENAMO diz estar a lutar pela democracia. O senhor pode me dizer que tipo de democracia a RENAMO defende para Moçambique?

— Resposta — Nós acreditamos que o ser humano tem que ter os seus direitos defendidos, reconhecidos e garantidos, acreditamos na justiça, na independência da justiça. Um juiz nunca pode depender do Chefe do Estado, deve ser livre no exercício das suas funções. Não deve depender de um partido nem do Governo que estiver no poder. Os membros do partido, quando cometem crimes, devem também ser julgados. Os juizes sobretudo do Tribunal Supremo, não devem ser eleitos pelo Chefe do Estado, devem ser por ele propostos, é verdade, mas serem aprovados pelo Parlamento.

A democracia que defendemos também compreende a liberdade de movimento, de reunião, de associação, de imprensa, de escolha. Isso é fundamental. Portanto, democracia é o conjunto de todos esses direitos do cidadão. Na economia defendemos livre iniciativa embora o Estado deva ter grande papel na definição das leis, na cobrança de impostos. Também reconhecemos a autoridade tradicional, portanto, os régulos, os chefes de povoação, uma vez que eles conhecem de facto a comunidade onde vivem.

Eles não são políticos, eles são chefes da comunidade que trabalham com os políticos, com o Governo na medida em que conhecem as suas zonas. Sabem quando é que chove na comunidade, quais são os hábitos da população, como é que se resolvem os problemas. Se quando os velhos vêm para as cidade são os atadinos que ensinam como subir as escadas, como viver na cidade, porque razão não aprender deles no campo?

P — Que garantias o Sr. pediu ao Presidente Chissano no primeiro encontro de ambos? Exigiu casas para si e para a liderança da RENAMO?

R — Nós não pedíamos de garantias pessoais em termos de casas. Não falamos de casas para nós mas de escritórios para o partido. É claro que teremos que viver em casas do Estado e isso vai ser devidamente tratado. O Presidente Chissano disse mesmo que tem um projecto de construção de casas. Mas de facto, não falamos especificamente de casas para pessoas mas de escritórios para o partido.

P — Quando se encontrou pela primeira vez com o Presidente Chissano como é

Quem é e o que quer o líder do movimento que desde o final dos anos 70 combate militarmente o Governo moçambicano e a FRELIMO? Afonso Dhlakama, o chefe da RENAMO — organização cujos métodos já foram inclusive, condenados pelos EUA, apesar da antipatia destes últimos pelos regimes ditos marxistas —, concedeu, depois do recente encontro com o Presidente Joaquim Chissano, em Roma, uma entrevista ao jornalista moçambicano Laurenço Jossias, que o Correio da Semana publica a seguir na íntegra.



que se sentiu: nervoso, calmo, agitado?...

R — Não, eu estava bom e muito calmo. O irmão Chissano é que parecia estar nervoso. Ele entrou na sala e perguntou-me: "Afonso queeres a paz?". Eu respondi "yes" em Inglês e depois disse "sim" em português. E começámos de facto a falar.

Brincámos mas depois falámos de coisas sérias. A defernida altura, quando eu perguntei porquê é que defendia um número maior do exército sabendo que o nosso país não tem dinheiro, ele enervou-se. Perguntei-lhe se sabia que havia greve de soldados do Governo na Manhica por falta de dinheiro. Ele ficou de facto nervoso e vi isso. Compreendo porquê: ele como Governo, sente a responsabilidade das coisas. Mas também falámos de muitas outras coisas sérias todos calmos e com grande responsabilidade. Falámos tudo em Inglês para facilitar ao Presidente Mugabe e no fim, depois de quatro horas de conversa, sentimos as cabeças a valem a pena.

P — Quid foi de facto o papel do Presidente Mugabe na cimeira, tendo em conta que ele é ou era um grande crítico da RENAMO?

R — Mugabe trabalhou muito. Tenho que reconhe-

cer isso. Há três anos que eu procurava reunir-me com o Chissano. Escrevi-lhe várias cartas e mensagens mas ele sempre recusava e mantinha aquela condição de que queria estar comigo para coisas concretas. O encontro de Janeiro, no Malawi, foi muito importante e eu disse que era necessário conversarmos. Seguiu-se o de Gaborone onde eu disse que quero falar com Chissano como irmão. Eu demonstrei boa vontade e del confiança a Mugabe e ele foi convencido e aceitou.

Mas concluiu que Mugabe foi forçado disso pela derrota das suas tropas em Moçambique. Lembrou-me perfeitamente do discurso de Mugabe na funeral do Presidente Samora. Disse que iria combater a RENAMO até ao último homem: Eu respondi que iria levar a guerra até ao interior do Zimbabwe e assim foi. Ele perdeu aviões em Moçambique, perdeu homens, a oposição interna exige o regresso das tropas ao Zimbabwe e já não arranja argumento para a continuação das tropas cá, até porque nós, os moçambicanos, estamos a negociar a paz.

P — Que trabalho de base irá fazer nas próximas semanas para sensibilizar aos guerrilheiros para que saibam que a guerra acabará

dentro em breve?

R — Eu vou domingo directamente para Gorongosa. Temos lá uma pequena emissora. É muito fraca, é verdade, e não atinge muitas regiões. Através dela, vamos explicar aos guerrilheiros e à população que lá vive que a guerra acabou e teremos paz brevemente. Vamos falar de paz e de reconciliação nacional. Vamos dizer que a guerra foi política e as causas políticas já desapareceram. Vou levar as fotos daquilo da cimeira e mostrar lá, a mediação vai me dar cassetes de vídeo das cerimónias todas e vou usar isso lá.

P — Acha que valerá a pena mobilizar os guerrilheiros?

R — Sim vai ser fácil em todo o país, pois temos uma rede de comunicações que nos permite falarmos com o país inteiro.

P — A RENAMO estará a pensar em alguns projectos específicos para ajudar a integração dos seus militares ou estará simplesmente à espera que o Governo e a comunidade internacional reünam apoios?

R — Olha meu irmão, a RENAMO tem as suas zonas libertadas, tem as suas áreas e controla cerca de 85% do território nacional. Temos já infraestruturas lá, temos hospitais e escolas, temos farmácias, comércio e administração interna. Temos administradores de distrito e de localidades. Nós funcionamos como Governo e temos populações que até estão registadas. Enquanto não houver tomada de posse do novo Governo, eleito democraticamente, será difícil ter acesso lá. A Polícia e os Governadores ou administradores da FRELIMO não vão poder entrar lá. Poderão, é claro, difundir a sua mensagem. Os Partidos incluindo mesmo a FRELIMO poderão ir lá fazer a sua campanha eleitoral, haverá liberdade de circulação mas a administração não será a da FRELIMO, pois senão vão denegrir a nossa imagem. Isso será posto no acordo geral de paz.

E depois, quando houver polícia, exército e segurança nacionais, apartidários,

quando tudo estiver estruturado, isso sim.

P — Mas como é que os cidadãos que vivem lá vão ser registados?

R — Não haverá problemas. Haverá liberdade de movimento, haverá paz. Até a comissão eleitoral vai fazer o recenseamento das pessoas, tudo vai funcionar mas a administração continuará a ser nossa.

P — Acusa-se a RENAMO de ser um Partido tribal, com muito domínio dos ndaus. Isso é verdade?

R — É falso. Temos na direcção da RENAMO pessoas de todas as províncias e os ndaus são muito poucos. O próprio Secretário-Geral, o Vicente Ululu é maconde e não ndau. Nos nossos órgãos militares também temos gente de todas as províncias em missões em todas as províncias.

P — Pode provar isso com nomes e factos concretos?

R — Concereteza. O próprio general Pascoal José, que está na COMIVE em Maputo é ronga. O nosso Chefe do Estado-Maior da RENAMO que é Faustino Adriano é matsua de Inhambane. Ele era das Forças Populares foi capturado por mim em combate. Na província de Manica temos o general Ussufo que é maaua, o António Pedro, que está na Zambézia é zambeziano. Um outro general nosso, o Varela Mange é sena.

Os políticos: Ululu é maconde como disse, o secretário das Relações Exteriores que é José de Castro é maaua, o chefe da Informação, Agostinho Murril é matsua enquanto o da Saúde, o Soares é da Gorongosa. O próprio Raúl Domingos, chefe da delegação aqui é sena e o outro ndau que também não tem muito peso é o da administração, o Faife.

P — Quais são os países ou amigos singulares que apoiam a RENAMO? De que tipo de apoios se trata?

R — De momento não temos muitos países a dar apoio oficial ou aberto. Mas há alguns que dão sobretudo apoio moral. Muitos Governos, como sabe, mantêm relações diplomáticas com o Governo e não querem ver cortadas essas relações. Neste momento, o Quênia é que facilita as nossas saídas, concedeu-nos passaportes para estas viagens. Nós todos na RENAMO viajamos com passaportes quenianos até porque o irmão Chissano sabe isso e aliás ajudou a tratar com Arap Moi. O Malawi é apenas um país de trânsito, passamos por lá para sair ou entrar na Gorongosa.

*Jornalista do MEDIAFAX